

MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVAS FUNCIONALISTAS

Um ponto bastante consensual entre os estudiosos da linguagem é o de que qualquer sistema linguístico está sujeito à variação e à mudança. A dinamicidade e a maleabilidade das línguas, cuja constituição (semântico-pragmática e estrutural) pode se alterar e modificar continuamente com o passar do tempo, são características reveladoras de sua realidade heterogênea, alicerce para inúmeras investigações em Linguística que se afastam de posições homogeneizantes e estatizantes acerca dos fatos linguísticos.

Ao longo da história dos estudos linguísticos, a mudança tem recebido diferentes tratamentos. A linguística histórico-comparatista, desenvolvida praticamente ao longo da segunda metade do século XIX sob orientação naturalista, buscava reconstruir o passado das línguas indo-europeias e concebia, influenciada pelo pensamento evolucionista e determinista da época, a mudança linguística como um processo de degeneração, que leva à passagem de um estágio mais complexo e rico a um estágio mais marcadamente simplório e pobre, culminando no desgaste dos sistemas linguísticos. O apogeu da Linguística enquanto ciência, com Saussure, fortalece uma perspectiva mais relativista de língua e desvia a mudança linguística de uma concepção degenerativa; entretanto, o estruturalismo saussuriano, amparado na noção de plenitude formal das línguas, prioriza uma linguística sincrônica e, ao considerar que a configuração formal das línguas se mantém de modo organizado e sistemático independentemente das mudanças sofridas, relega à linguística diacrônica a plasticidade das línguas. É nos movimentos pós-estruturalistas que se renova o interesse pelos estudos linguísticos de orientação histórico-diacrônica, voltados, essencialmente, para a compreensão da mudança linguística e de seus processos condicionantes.

Nota-se, então, que esse macro-objeto linguístico não foge àquilo que o pai da linguística moderna assume como condição de definição de nossa área de pesquisa: “outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. [...] Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39). É assim que a mudança pode ser abordada sob diferentes enfoques linguísticos, e cada qual fornecerá fatos e objetos linguísticos diversos para a descrição e a análise linguística.

Entre tais orientações, na atualidade, destacam-se duas mais centrais: a formalista, que, em linhas gerais, busca, sob influência do inatismo linguístico, descrever a mudança

enquanto processo de alteração e fixação de novos parâmetros internos à competência gramatical dos falantes; e a funcionalista, que, sob orientação sócio-interacional, concebe a mudança como sucessão de etapas em que se verifica uma gradual reconfiguração estrutural e semântico-pragmática dos sistemas gramaticais, a partir de condicionamentos atrelados ao uso linguístico.

Os artigos que compõem este volume temático da *Revista do GEL* desenvolvem-se alinhados a esse segundo abrigo teórico e, como tal, dedicam-se à compreensão dos processos multiníveis subjacentes ao desenvolvimento e à organização da estrutura gramatical de uma língua e à percepção dos limites e das fronteiras (muitas vezes difusos e pouco precisos) entre as categorias com que operam os usuários de uma língua na interação verbal.

O funcionalismo em Linguística, bem longe de ser um campo homogêneo de investigação, tem, na verdade, reunido um conjunto bastante diverso de correntes teóricas que, embora se diferenciem quanto ao modo como concebem a organização gramatical de uma língua, compartilham de uma série de princípios, sendo central a compreensão da instrumentalidade dos fatos gramaticais frente às demandas sócio-cognitivas e interativas inerentes ao uso da língua. E essa heterogeneidade teórico-epistemológica tão própria ao funcionalismo implica também abordagens diversificadas acerca da mudança linguística, como bem revelam os textos que compõem este volume, apresentados e disponibilizados para a leitura da comunidade acadêmica.

Os onze artigos aqui reunidos estão assentados em três grandes perspectivas em voga para o tratamento funcional da mudança linguística: (i) a abordagem construcional, com apoio em autores como Bybee (2016), Traugott e Trousdale (2021) e Hilpert (2021); (ii) a abordagem diacrônica assentada nos princípios teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008); e, por fim, (iii) a abordagem clássica da gramaticalização, fundamentada essencialmente em Hopper e Traugott (2003 [1993]).

Articulada ao que se costuma tratar como Modelos Baseados no Uso (BARLOW; KEMMER, 2000), perspectiva que reúne um conjunto variado de teorias assentadas na articulação entre pressupostos funcionalistas e cognitivistas, a abordagem construcional da mudança linguística parte de uma visão de gramática como rede de construções organizada hierarquicamente em diferentes níveis de abstração e de generalização e estuda a mudança linguística mapeando alterações nos planos da forma e/ou do significado de uma construção. Assim, sob influência da ideia do connexionismo entre redes, Traugott e Trousdale (2021) distinguem dois tipos de mudança: a **mudança construcional** envolve

modificações numa única dimensão de uma construção existente no sistema linguístico, afetando ou sua forma ou seu significado; já a **construcionalização** faz emergir uma nova construção na língua, isto é, dá lugar a um novo pareamento convencional e simbólico de forma e significado, criando, então, um novo nó numa rede, a partir do remanejamento de construções de outra(s) rede(s).

O primeiro artigo dessa linha é o de Leticia de Almeida Barbosa e Edson Rosa Francisco de Souza, intitulado “A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional”. Nele, investiga-se, com base em dados dos séculos XIII a XX, a formação da microconstrução intensificadora [com força], que modifica predicados verbais e/ou adjetivais. A análise descreve quatro valores associados à microconstrução [com força], o que permite caracterizar essa combinação sequencial entre a preposição *com* e o substantivo *força* em termos de diferentes graus de composicionalidade: enquanto valores como *instrumento* e *predicativo* representam contextos em que se nota maior grau de composicionalidade da construção, o valor *modo* figura como contexto em que se nota grau intermediário de composicionalidade, com encadeamento maior entre os constituintes que integram a construção e com certo grau de opacidade no significado total da construção; o valor *intensificação*, por fim, é altamente composicional, já que as partes da construção não mais contribuem individualmente para o seu significado global. A conclusão do estudo é a de que a emergência da microconstrução intensificadora [com força] envolve um processo de reconfiguração da estrutura morfossintática da construção e de perda gradual de composicionalidade, o que pode ser interpretado como caso de construcionalização gramatical.

O artigo “Esquemática e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais”, de autoria de Taísa Peres de Oliveira e de Camila Gabriele da Cruz Clemente, alinha-se também à abordagem construcional da mudança elaborada por Traugott e Trousdale (2021). A investigação focaliza alterações que afetam a organização da rede de conectores condicionais do português, mais especificamente do subesquema $[V_{\text{Não-Fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}'}$ a que se conectam microconstruções como $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{considerando que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{dado que}]_{\text{Cond}}$ e $[\text{posto que}]_{\text{Cond}}$. Com base em dados diacrônicos do português, as análises revelam que as mudanças de produtividade das microconstruções afetam o subesquema sob estudo, e isso pode ser sistematicamente descrito em duas direções: (i) à medida que as microconstruções vão se tornando mais produtivas, mais ativo e saliente fica o subesquema, que pode passar a atrair diferentes tipos de construções para seu interior e, assim, a formar novos nós no nível das microconstruções; (ii) o aumento de produtividade da microconstrução $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ coloca-a como mais acessível aos usuários da língua, enquanto exemplar mais prototípico do subesquema, o que acarreta

na baixa produtividade das microconstruções [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond'} que também podem ser acionadas para instanciar outras relações, como causa e concessão.

Ainda sob orientação da abordagem construcional da mudança, encontram-se cinco artigos vinculados ao que se tem denominado de Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), aparato que, articulando princípios construcionistas a pressupostos caros ao funcionalismo de vertente norte-americana, concebe a estrutura gramatical como emergente e regularizada conforme o usuário da língua experiencia seu uso em práticas comunicativas situadas em contextos de interação verbal (cf. CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016); assim, a gramática de uma língua, moldada pela experiência sócio-cognitivo-cultural de seus usuários via processos cognitivos de domínio geral, organiza-se a partir de uma rede em que se interligam padrões regulares definidos em termos de pareamentos convencionalizados de forma e de significado, as *construções* (GOLDBERG, 1995, 2006).

O artigo de Monclar Guimarães Lopes, intitulado “Emergência do conector *fora que* no português”, é um dos representantes dessa abordagem teórica. Com base em dados diacrônicos do português, recortados entre os séculos XIX, XX e XXI, a atenção se volta para a emergência da microconstrução [fora que] enquanto conector aditivo. A investigação descreve cinco diferentes padrões combinatórios entre os constituintes *fora* e *que*, os quais podem ser ordenados conforme seu grau de composicionalidade: dos mais composicionais, em que *fora* e *que* contribuem individualmente para o significado do todo (estão, aí, os padrões [fora]_{adv}[que]_{pronome relativo}, [fora]_{adv}[que]_{conjunção explicativa}, [fora]_{adv}[que]_{correlator comparativo}, [fora]_{adv}[que]_{conjunção integrante}), até os menos composicionais, em que se nota neanálise da combinação e a formação de um *chunk* procedural (no caso, [fora que]_{conector}). A conclusão central do estudo é a de que a formação da microconstrução aditiva [fora que] representa um caso de construcionalização gramatical e se dá via analogização, em que o esquema [Xque]_{connect'} altamente produtivo no português, recruta o elemento *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão.

É de autoria de Mariangela Rios de Oliveira o artigo “Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português”, que, com base na FLCU, explora a proposta de Traugott e Trausdale (2013) de construcionalização investigando a emergência, em um recorte diacrônico do português (do século XV ao XXI), de marcadores discursivos (MD) integrantes do esquema [VLoc]_{MD}. A análise dos dados se apoia no *cline* contextual proposto por Diewald e Smirnova (2012) e descreve diferentes contextos de uso de variadas combinações entre base verbal (V) e pronome locativo (Loc). Essa descrição permite traçar uma trajetória de mudança permeada por neanálises que, na condição de mudanças pré-construcionais, conduzem

à construcionalização do esquema [VLoc]_{MD}. Esse processo, marcado por momentos de opacidade múltipla, via mecanismos de metaforização e de metonimização, e de crescente intersubjetivização, é sequenciado por mudanças pós-construcionais, como a integração paradigmática (ou paradigmaticização), com a fixação do esquema [VLoc]_{MD'} que passa a ser a base analógica para a formação de outros MDs.

No terceiro artigo dessa linha, “Emergência e convencionalização da construção V_{LEVE (DAR, FAZER)} + SN”, Maria Angélica Furtado da Cunha investiga, com base em dados do português do século XVII ao XXI, a emergência e a convencionalização da construção [V_{LEVE} + SN]. São examinadas, especificamente, ocorrências dos verbos leves *dar* e *fazer* empregados em uma configuração triargumental, em que se nota um obscurecimento dos significados básicos e prototípicos associados aos verbos plenos *dar* e *fazer* (*transferir* e *executar*, respectivamente). Considerando, centralmente, propriedades formais e funcionais dos SNs que coocorrem com os verbos leves, são identificados, em sincronias mais remotas, alguns padrões estruturais que apresentam maior versatilidade morfossintática e, assim, não podem ser considerados unidades simples; é a partir do século XVII que se notam regularização e convencionalização da combinação [verbo leve *dar/fazer* + SN] como *chunk*, evidenciadas, principalmente, pela ordenação mais fixa do SN em relação ao verbo leve, pela ausência de determinante junto ao núcleo nominal, pela ausência de material interveniente entre os constituintes do bloco e pelo desgaste do significado do verbo leve.

O quarto artigo desenvolvido com apoio na LFCU, intitulado “Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro”, é de autoria de Raissa Romeiro Cumán e Priscilla Mouta Marques. A pesquisa procede com uma análise diacrônica das microconstruções [dar certo], [dar errado], [dar ruim] e [dar bom], todas conectadas ao subesquema [dar AA], em que se combinam o verbo leve *dar* e Adjetivos Adverbiais (AA). A partir de dados do português dos séculos XIII a XXI, a investigação caracteriza os micropassos de mudança que afetam a microconstrução base desse subesquema (no caso, [dar certo]) e o modo como se licenciam, nesse subesquema, as outras microconstruções sob estudo ([dar errado], [dar ruim] e [dar bom]). Os resultados apresentados apontam que [dar certo] é a primeira a se construcionalizar no português brasileiro, a partir de construções menos composicionais, como [dar por certo] e [dar como certo], e que as demais só foram encontradas a partir do século XX, sendo [dar errado] no século XX, e [dar ruim] e [dar bom], no século XXI. As autoras propõem também uma rede para o subesquema [DAR AA]_{resultativa'} prevendo elos com a rede da construção de modificação verbal com adjetivo adverbial e com a dos verbos leves.

O quinto e último artigo filiado ao quadro teórico-metodológico da LFCU, de autoria de Maria Maura Cezario e Bruna Soares, intitula-se “Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]”. Nele, é focalizada a formação histórica da microconstrução [a gente] sancionada pelo esquema [(X) N_{COLET SG} (Y)]. A pesquisa revela que esse esquema licencia vários usos de construções nominais, mas apenas um deles, [a gente], desgarrou-se e passou para outro nó, o dos pronomes pessoais. Ao mapear, num recorte temporal que abriga dados do português dos séculos XIV a XX, propriedades da construção nominal abstrata dos coletivos de pessoas [(X) N_{COLET SG} (Y)], especificamente a esquematicidade de seu *slots* (principalmente de X e de Y) e seu papel informacional (em termos de referentes novos, velhos e inferíveis), a investigação caracteriza os micropassos de mudança que levam à construcionalização gramatical de [a gente] como pronome pessoal. Tais micropassos podem ser descritos em termos de restrições no preenchimento dos *slots*, com obrigatoriedade de X ocupado pelo determinante ‘a’ e desaparecimento de Y, e em termos de mudança no papel informativo da construção, que passa a estar mais acentuadamente a serviço de retomadas no discurso e de inclusão da primeira pessoa.

Fora ao escopo de modelos construcionistas, estão três artigos que examinam a mudança linguística sob o viés teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), cuja característica fundante é a concepção estratificada de língua e de gramática, enquanto sistemas hierarquicamente organizados e ordenados em níveis e camadas. Embora, em algumas passagens de Hengeveld e Mackenzie (2008), reconheça-se o desenvolvimento de formas gramaticais a partir de elementos estocados no léxico, a GDF não nasce como modelo próprio para o tratamento da mudança linguística, firmando-se, sobretudo, como uma teoria tipológico-funcional da estrutura linguística. A partir daí, e apropriando-se da arquitetura modular e estratificada do modelo da GDF, Hengeveld (2017) sistematiza, apoiado na contribuição de trabalhos variados, o desenho de uma *abordagem hierárquica da gramaticalização*, em que se nota um claro diálogo entre os pressupostos teórico-metodológicos da GDF e os princípios da gramaticalização, em sua concepção mais clássica (HOPPER; TRAUOGOTT, 2003 [1993]; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; HEINE; KUTEVA, 2007; BRINTON; TRAUOGOTT, 2005). Assim, esses três artigos que integram este volume se somam ao esforço de estudos que buscam contribuir para a constante formulação e consolidação de um modelo hierárquico da gramaticalização.¹

¹ Citamos, para exemplificação, alguns trabalhos, como Keizer (2007, 2008, 2013, 2016), Souza (2009, 2010a, 2010b, 2011, 2012), Hengeveld (2011, 2017), Casseb-Galvão (2011), Silva-Surer (2014), Olbertz (2016), Dall’Aglio-Hattner e Hengeveld (2016), Fontes (2016, 2018), García Castillero (2017), Giomi (2017), Olbertz e Honselaar (2017), Tena Dávalos (2017), Villerius (2017).

Alessandra Regina Guerra, no artigo “Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro”, analisa, a partir de dados extraídos de peças teatrais brasileiras produzidas entre a primeira metade do século XIX e o início do século XXI, a opção por expressar (ou não) o argumento-sujeito em forma pronominal. A autora busca, então, uma articulação entre a abordagem diacrônica da GDF e alguns princípios funcionalistas que fundamentam a descrição de processos de mudança linguística, centrando atenção na propriedade da transparência linguística, conforme definida no interior do quadro teórico da GDF (LEUFKENS, 2015). Os dados quantitativos apresentados no trabalho corroboram a tendência de aumento do índice de expressão pronominal do argumento-sujeito na história do PB e apontam, além disso, para uma articulação entre o fenômeno sob estudo e a questão da transparência linguística ao projetar que a evolução diacrônica do grau de transparência do PB pode sofrer influência, dentre outros fatores, da interação entre tendências relativas à realização pronominal do argumento-sujeito e às mudanças que afetam o sistema pronominal, principalmente no que tange aos pronomes *tu/você* e *nós/a gente*.

Outro estudo pautado nas premissas teóricas da GDF é o de Beatriz Goaveia Garcia Parra-Araujo, Sandra Denise Gasparini-Bastos e Letícia de Souza Fernandes, intitulado “Uma investigação diacrônica de ‘a pesar de’ no espanhol peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional”, em que se descreve, com base em dados diacrônicos do espanhol peninsular, a trajetória de gramaticalização do juntor concessivo ‘a pesar de’. Seguindo a abordagem hierárquica da gramaticalização, a investigação demonstra crescente abstratização e pragmatização dos usos concessivos do juntor a partir do mapeamento das relações de escopo por ele contraídas, entendendo, junto a Hengeveld (2017), escopo em termos de camadas e níveis da formulação da GDF. O resultado central é o desenho de um *cline* que revela uma evolução gradativa das camadas de atuação do juntor, que, do Conteúdo Proposicional, no Nível Representacional, passa a escopar camadas mais altas, do Nível Interpessoal, como o Ato Discursivo e o Movimento. Tal resultado dá clara evidência do que Hengeveld (2017) define como “mudança de conteúdo”, em que um item ou construção, em gramaticalização, tende a desenvolver relações de escopo hierarquicamente superiores, partindo das camadas mais inferiores do Nível Representacional e atingindo as camadas mais superiores do Nível Interpessoal.

Encerrando o rol de pesquisas que utilizam o modelo da GDF está o artigo de Erotilde Goreti Pezatti e Ana Caroline Teixeira Peres, intitulado “Os vários usos de ‘mesmo’ no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX”, em que se caracteriza a multifuncionalidade do item ‘mesmo’, no português brasileiro, tendo em vista os níveis e as camadas que organizam a GDF. A proposta consiste em verificar, na história

recente do português (com dados dos séculos XVIII, XIX e XX), a persistência ou não da multifuncionalidade desse item. O trabalho, então, descreve cinco diferentes usos de 'mesmo' (operador de ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de propriedade configuracional) e aponta que esses usos já existiam desde o século XVIII, mantendo-se no decorrer dos séculos XIX e XX. Os resultados, em termos qualitativos, não chegam a constatar quaisquer alterações significativas que afetam os usos de 'mesmo' ou sua forma de codificação, dentro do período recortado, mas, apoiados em uma análise quantitativa, revelam que alguns usos estão em decréscimo e outros em ascendência, conforme as necessidades comunicativas dos usuários da língua, o que indicia o progresso de um processo de gramaticalização.

O artigo "*Está/tá na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização*", de Viviane Marcelina da Silva e Cristina dos Santos Carvalho, encerra este volume trazendo a abordagem mais clássica da gramaticalização, visão que reavivou o interesse dos funcionalistas por fenômenos diacrônicos e pelas investigações em linguística histórica. Neste artigo, é analisado, com base em dados da fala popular soteropolitana (extraídos de entrevistas do acervo do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador), o emprego do verbo *estar* no presente do indicativo, com foco específico sobre suas realizações fonológicas plena (*está*) e reduzida (*tá*). A investigação descreve cinco diferentes usos do verbo *estar* e, sob enfoque sociofuncionalista (combinando as perspectivas da variação linguística e da mudança por gramaticalização), propõe um *continuum* de gramaticalização, que parte de verbo (verbo pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar), para advérbio de afirmação/concordância, até marcador discursivo. A partir desse *cline*, a investigação revela que pode haver variação entre forma plena (*está*) e reduzida (*tá*) nos usos verbais (pleno, de ligação e/ou auxiliar), enquanto, em usos mais gramaticalizados (como advérbio de afirmação/concordância e marcador discursivo), não se atesta essa variação, já que, para essas funções mais gramaticais, *está* se especializando a forma reduzida *tá* (HOPPER, 1991).

Os 11 artigos aqui reunidos contemplam uma gama de fenômenos linguísticos que atestam a maleabilidade da gramática de uma língua, em constante transformação em seu percurso histórico e contínuo de constituição. Por mais variados que sejam os enfoques teórico-metodológicos assumidos por esses diferentes artigos, pode-se prever um eixo que os perpassa, conectando todos eles em torno à preocupação em compreender a mudança linguística a partir de determinações advindas do uso que se faz do sistema linguístico continuamente por ela afetado, figurando aí, de modo majoritário, a necessidade de renovação expressiva na manutenção do canal de interlocução.

E isso tem sido a marca registrada do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GESF), do qual são membros os organizadores deste volume e no interior do qual se sedimentou a ideia de organização deste volume. O GESF, sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, sob liderança de Taísa Peres de Oliveira e Sebastião Carlos Leite Gonçalves, abriga, entre seus membros, pesquisadores de diferentes subáreas da Linguística e de diferentes filiações teóricas, como o funcionalismo linguístico, com representação principal do funcionalismo holandês e dos Modelos Baseados no Uso, e a Sociolinguística; sua unicidade se assenta, essencialmente, em sua preocupação em estudar a língua em uso, isto é, enquanto instrumento de comunicação e, sobretudo, de interação social, o que implica assumir uma abordagem dos fenômenos linguísticos tendo em vista sua funcionalidade em contextos reais de uso.

O esforço em reunir esses artigos num volume que tão bem resume e representa os trabalhos da linguística funcional brasileira acerca da mudança não seria possível sem a inestimável contribuição dos autores e dos pareceristas, para os quais direcionamos aqui nossos mais sinceros agradecimentos. Agradecemos, também, à contribuição de Marcelo Módolo e Milton Bortoleto, pela generosidade e por todas as orientações oferecidas durante o trabalho de organização deste volume, e de Evelien Keizer, professora da Universidade de Viena, que muito gentilmente auxiliou na confecção, na consolidação e na divulgação da proposta deste volume.

Desejamos, por fim, que a leitura dos textos reunidos neste volume instigue ainda mais o desenvolvimento científico no campo da linguagem e suscite novas perguntas de pesquisa e novos caminhos de análise sobre a mudança linguística.

Boa leitura!

Cibele Naidhig de Souza²

Edson Rosa Francisco de Souza³

Michel Gustavo Fontes⁴

2 Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil; cibelenasouza@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-2363-3551>

3 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; edsrosa@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0003-1303-1394>

4 Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; michelgfontes@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2376-8648>

Referências

- BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha e Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez Editora, 2016.
- BYBEE, J.; PERKIS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CASEB-GALVÃO, V. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 2, n. 13, p. 305-355, 2011.
- CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013. p. 13-39.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; HENGEVELD, K. The grammaticalization of modal verbs in Brazilian Portuguese: a synchronic approach. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 15, p. 1-14, 2016.
- DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: The fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. (ed.). **Grammaticalization and Language change: new reflection**. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.
- FONTES, M. G. Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo. **Revista do GEL**, v. 15, p. 10-37, 2018.

FONTES, M. G. **A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação.** 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de São José do Rio Preto, 2016.

GARCÍA CASTILLERO, C. Grammaticalization of the conditional form in Old Irish. *In*: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

GIOMI, R. The interaction of components in a Functional Discourse Grammar account of grammaticalization. *In*: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the Nature of Generalization in Language.** Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure.** Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The gênesis of grammar: a reconstruction.** New York: Oxford University Press, 2007.

HENGEVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. *In*: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

HENGEVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. *In*: NARROG, H.; HEINE, B. **The Oxford Handbook of Grammaticalization.** New York: Oxford University Press, 2011. p. 577-591.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

HILPERT, M. **Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar.** Brill, 2021.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (org.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

KEIZER, E. Idiomatic expressions in Functional Discourse Grammar. **Linguistics**, v. 54, n. 5, p. 981-1016, 2016.

KEIZER, E. The *X is (is)* construction: an FDG account. *In*: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (ed.). **Casebook in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 213-248.

KEIZER, E. English prepositions in Functional Discourse Grammar. **Functions of Language**, v. 15, n. 2, p. 216-256, 2008.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. **Alfa**, São Paulo, n. 51, v. 2, p. 35-56, 2007.

LEUFKENS, S. **Transparency in language**: a typological study. Utrecht: LOT, 2015.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

SILVA-SURER, T. M. **Trajetórias de mudança dos predicados *acabar, acontecer e começar* sob perspectiva discursivo-funcional**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.

SOUZA, E. R. F. Um estudo discursivo-funcional de ‘*assim*’, ‘*já*’ e ‘*ai*’ no Português falado do noroeste paulista. *In*: SOUZA, E. R. F. (org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. vol. 2, p. 67-92.

SOUZA, E. R. F. Gramaticalização de ‘*ai*’ no português falado do interior paulista. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 40, p. 92-107, 2011.

SOUZA, E. R. F. Os usos de 'assim' no português falado do noroeste paulista sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 39, p. 73-88, 2010a.

SOUZA, E. R. F. O percurso de gramaticalização dos itens linguísticos 'assim', 'já' e 'aí' no português falado do interior paulista: uma abordagem discursivo-funcional. **Sínteses** (UNICAMP. Online), v. 15, p. 348-375, 2010b.

SOUZA, E. R. F. **Gramaticalização dos itens linguísticos *assim, já e aí* no português brasileiro**: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

OLBERTZ, H. Lexical auxiliaries in Spanish: How and why? **Linguistics**, v. 54, n. 5, p. 947-979, 2016.

OLBERTZ, H.; HONSELAAR, W. The grammaticalization of Dutch moeten: modal and post-modal meanings. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

TENA DÁVALOS, J. The end of a cycle: Grammaticalization of the future tense in Mexican Spanish. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

VILLERIUS, S. Modality and aspect marking in Surinamese Javanese: Grammaticalization and contact-induced change. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha e Taísa Peres de Oliveira. São Paulo: Vozes, 2021.